

A LINGUAGEM DO GRAFITE E AS SUAS POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS

Bárbara Viana Villaça (UENF)

babivillaca@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

Iago Pereira dos Santos (UENF)

iagoreisd@gmail.com

O presente trabalho tem por principal objetivo, repensar o ensino do grafite nas escolas, mostrando que ele pode ser muito mais bem aproveitado, a fim, não só de dizer que pichação, que normalmente é o que os alunos sabem fazer, é ilegal e errado e que apenas o grafite é arte. O grafite está fortemente associado ao espaço, ao território físico onde adquire visibilidade e ganha corpo. Este ganha sentido enquanto, mecanismo de propagação de mensagens na malha visível da cidade, mostrando-se a quem circula pelas artérias citadinas. No Brasil o grafite se expandiu nas grandes metrópoles, e depois de muitos impasses entre grafiteiros e gestores do poder público, podemos ver um processo de legitimação acontecendo. Nesse processo, buscamos uma valorização desse tipo de arte iniciada em decorrência da dialética criada entre os habitantes de uma cidade e suas intervenções urbanas (VÉRAS, 2000). Essa valorização é dada de tal forma, que o grafite alcança as galerias e museus, as campanhas publicitárias, tornando-se muito mais que lazer ou um *hobby*, uma profissão. Uma abordagem das inscrições, na cidade, revela-nos que as ações correspondem, geralmente, ao rasto das suas passagens e dos seus circuitos habituais (GITAHY, 2012). O ensino do grafite nas escolas, como viemos propor, engloba mais conceitos e abrange uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos, aproveitando as questões sociais, religiosas e etnológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas, a fim de despertar interesse, senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito à diversidade e à compreensão da liberdade.